



GT 06. Antropologia da Economia

Coordenador(es):

Arlei Sander Damo (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Gustavo Gomes Onto (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 1

Debatedor/a: Lúcia Helena Alves Müller (PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Desde o nascimento da nossa disciplina os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, as formas de valoração e de provimento das condições materiais de continuidade da vida foram objeto de descrição e interpretação a partir dos modos de vida dos “outros”. As teorias econômicas já tinham grande importância nas sociedades a partir das quais surgiu a antropologia e, nas últimas décadas, se tornaram uma verdadeira linguagem global. A importância dos especialistas, sejam acadêmicos ou gestores governamentais, nunca foi tão grande, tendo esses um papel preeminente no desenho de políticas de larga escala. Economia, portanto, concerne a uma multiplicidade de objetos, temas e possibilidades de abordagem que implicam, sempre, o questionamento sobre a própria definição sobre o que seja “a economia” ou que caracterize algo – prática, teoria – como “econômico”. A Antropologia da Economia vem ganhando novo fôlego no país, com a organização de diversos eventos e publicações acadêmicos voltados a essa área de estudos. O objetivo do GT é propiciar um espaço dedicado a colocar em diálogo trabalhos que possibilitem explorar a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite e provoca e as ambiguidades e misturas que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico, como a relação com as práticas familiares, a intimidade, a religião, o consumo, a dádiva, as moralidades, o Estado e assim por diante.

Para que serve um drone? Dicotomias do mercado de defesa e segurança no Brasil

Autoria: Pedro Augusto Pereira Francisco (Instituto Igarapé)

A indústria de defesa do Brasil vê as feiras de tecnologias de defesa e segurança como uma grande oportunidade de negócios. Nelas, empresas públicas e privadas podem mostrar seus produtos - que vão de armamentos, ferramentas de vigilância, veículos terrestres, aéreos e náuticos, até vestuário - para uma ampla audiência, ao lado das gigantes globais do setor. Parte do apoio que as empresas dão para a realização desses eventos se justifica no fato de que estes seriam um grande canal de divulgação, pelo qual conseguem atingir clientes que até então não estavam completamente mapeados. Essas feiras são espaços onde as trocas comerciais cumprem diversas funções. Ali, arranjos sócio-técnicos contribuem para a constituição de relações estruturantes entre os diversos atores que compõem o sistema de defesa e segurança. O presente work tem por objetivo demonstrar essa característica das feiras de defesa e segurança, a partir da observação de um objeto específico: as aeronaves remotamente pilotadas (ARPs), popularmente conhecidas como drones. Baseando-me na observação participante realizada em sete diferentes feiras - LAAD 2017, LAAD, 2019, LAAD Security 2018, RIDEX, Exposição de Materiais do Simpósio de Logística Humanitária e o Droneshow - no período de 2017 a 2019, busco explicar como a economia em torno das ARPs é fundamental para manter a dinâmica das diversas dicotomias que estruturam o mercado de defesa e segurança: a divisão entre indústria nacional e estrangeira, entre setor público e privado, entre esfera civil e esfera militar e, finalmente, entre os próprios campos da defesa e da segurança. A escolha em demonstrar essa dinâmica do mercado a partir das ARPs é particularmente pertinente pois, tal como explicitarei neste work, trata-se de um objeto que diluí as fronteiras e divisões mencionadas, mas que ao



mesmo tempo mantém a lógica da estrutura dual que organiza os conceitos em questão.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: